



Com a humildade de quem vê teorias se esboroarem todos os dias, falaremos um pouco de certos traços dessa **geração digital**, das estratégias e ferramentas das quais nos valem para o enfrentamento dessa tarefa no Colégio FAAP.

É preciso assumir um compromisso com uma metodologia sistematizada e pragmática, com resultados mensuráveis e que se desenvolva de maneira sustentável. **Como?** Valorizando a natural curiosidade intelectual do aluno, sua capacidade de questionar e refletir, incentivando o trabalho em equipe, sem que se descuide de sua própria identidade para que amplie seus horizontes, para saber lidar com situações adversas; enfim, para ser capaz de se comunicar e interagir.

Fiéis aos nossos propósitos de simplificar para os leitores aspectos do nosso fazer e refletir a educação, desconsideraremos teorias, nem evitaremos correr o risco de polêmicas que, sobretudo em educação, são bem-vindas, uma vez que caminhamos sobre solo movediço, onde os erros vitimam mais do que se imagina e, quanto mais perspectivas tivermos, menor a quantidade de riscos. É necessário iniciarmos, falando de algumas das características dessa geração digital que, mesmo que seja para um consenso, devem ser mencionadas e, outras, ponderadas como possíveis, uma vez que se insinuam numa certa “zona de sombra” de nossa capacidade de aceitá-las.

É muito comum, no nosso cotidiano de educadores ouvirmos: esta nova geração é extremamente agressiva ou igualmente passiva, desinteressada e hiperativa. **Como é que vocês trabalham isso?**

É preciso orientar os alunos a refletirem sobre os valores, os princípios e a ética que asseguram relações duradouras, fecundas e sadias. Cabe-nos, portanto, como educadores, promover o respeito, a amizade e a compreensão, bases necessárias para o estabelecimento de relações afetivas e efetivas com os colegas e, portanto, com a sociedade.

Para tanto, é imperativo tentar entender algumas das causas das polaridades citadas, que, até certo ponto, poderiam ser discutidas quanto à sua total novidade ou grandeza: não saberíamos medir o quanto nossos jovens seriam mais agressivos do que aqueles que fizeram a Primavera Estudantil de 1968 ou mais passivos do que a “geração perdida” da França, após a Primeira Guerra Mundial.

Em um tempo em que a ignorância se opera pelo excesso de informações que não nos permite entender a lógica dos acontecimentos que se “mundializaram”; num momento em que o novo perdeu seu impacto porque tudo é quase sempre muito novo e de difícil compreensão, a insegurança é o mais fértil terreno para a gestação das

formas mais primitivas de defesa da integridade psicológica do ser humano, da agressão ou da indiferença. Se as mudanças ora incorporadas como inevitáveis e irreversíveis encontrassem as instituições seguras de seus valores, certamente, continuaria a haver rejeição dos jovens, mas ao menos não se ostentaria essa sensação de vazio, de anomia corrosiva que leva a reações completamente imprevisíveis: seria demasiado e desnecessário lembrar o noticiário que traz jovens e escolas como cenas de quadros incompreensíveis neste estágio civilizatório que vivemos e isso, indiscriminadamente, em sociedades de todos os níveis de bem-estar econômico-social. Evidentemente, não custa lembrar que as comunicações, nos colocando em tempo real com os acontecimentos, amplificam toda a violência mundial que passou a habitar nossos quintais e a ter ainda maiores dimensões: se os *games* de violência ajudam, não sabemos, o fato é que os meninos sempre brincaram de guerra, sempre tiveram soldadinhos.

É preciso orientar os alunos a **refletirem sobre os valores, os princípios e a ética que asseguram relações duradouras, fecundas e sadias**

Há muitos anos, ouvi de um educador espanhol uma afirmação muito marcante; dizia ele: “Nossos pais, muitas vezes, cometeram terríveis erros em nos educarem, mas tinham tanta convicção no que faziam que nos transmitiram algo muito precioso: **segurança**.” Hoje, na sede de acertarmos, vacilamos, reconsideramos e dividimos nossa própria insegurança com nossos filhos em idades em que, nem sempre eles estão preparados para níveis mais sérios de discussão. De fato, percebe-se quer nas famílias quer nas sociedades, uma variação entre o rigorismo e a permissividade desnorteante, sobretudo para os jovens que acabam por perder completamente as noções de limites.

Cabe uma ressalva importante: muito mais do que a revolta, comportamento até desejável no jovem enquanto revelador de posturas críticas ante o mundo, a passividade assusta: chega a ser uma espécie de surto essa inação em alguns jovens, geralmente de classe social mais alta, que a quase nada reagem de forma duradoura e que dificilmente persistem em um propósito.

Agrididos por todos os apelos do consumismo numa idade de sensibilidade exacerbada, a isso se acrescentando esse vazio de valores que é agravado pelas muitas formas que a família assumiu ante um mundo em mutação, temos o jovem buscando escapatória, quer nas formas “clássicas” como as drogas” (o álcool, droga socialmente aceita e muito antiga, parece que foi relegado a mal menor), quer



Os professores Marinez Brochi Rafaldini e Henrique Vailati Neto, respectivamente, a orientadora educacional e o diretor do Colégio FAAP.



## Quase tudo o que os jovens almejam nesta “era do espetáculo” tem **alta intensidade** e se **esvai** sem o equivalente e real desfrute de felicidade

em novas e pouco estudadas modalidades: fico sempre muito atento ao pouco que se estuda do que poderíamos chamar de “vida virtual” de nossos jovens tendo em vista a importância dela no seu cotidiano.

Até que ponto as redes sociais e todo o universo desvendado pela rede mundial de computadores não fecharam o ser humano em “cavernas eletrônicas” que o estão transformando em ermitões? Qual é o grau de riqueza e profundidade humanas de relações intermediadas pela máquina? Nesse mundo de comunicações geneticamente modificadas, quais seriam os riscos na formação dessas novas gerações, uma vez que desconhecemos os reais controles das informações geradas?

O que pode parecer uma reação ao novo é, isto sim, a preocupação com o melhor uso de recursos jamais vistos pelo ser humano e que, no entanto, têm sido empregados de forma um tanto canhestra na maioria das vezes; claro que ninguém pode discutir a fundamental necessidade desse incrível universo lúdico, gerado pelos espaços virtuais, mas preocupa muito a qualidade de vida e de conhecimento que eles estão criando: qual será a vida real que se está gerando nos labirintos dos *Twitters*, *Facebooks* e *Orkuts*? Que idioma está sendo produzido nessas redes e qual seria sua real contri-

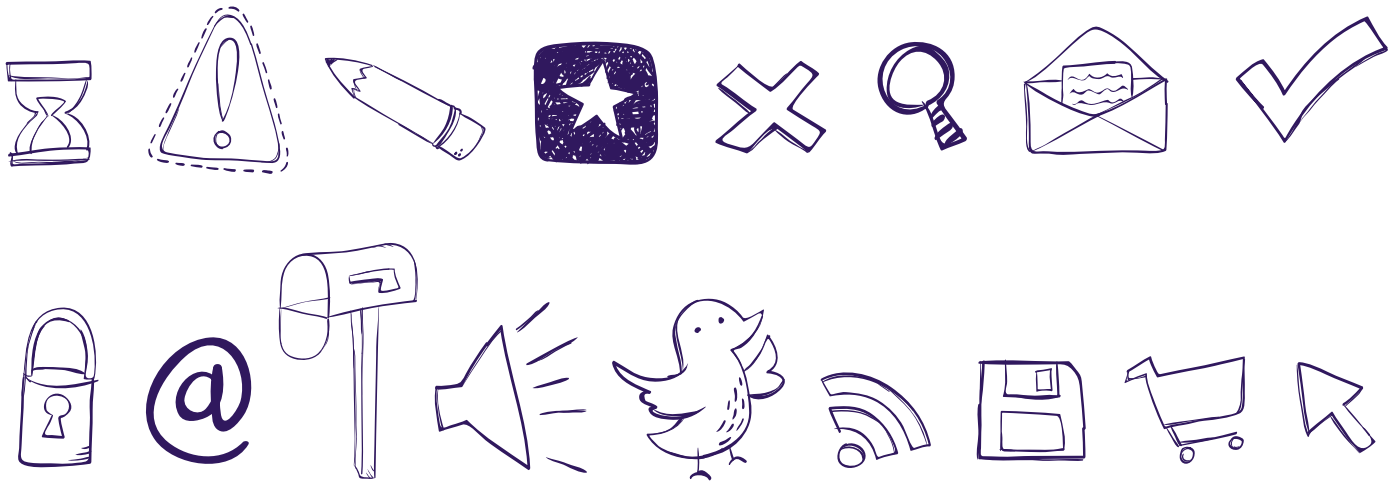
buição e aproveitamento no mercado e, sobretudo, na melhora da qualidade de vida?

Pesquisas sérias, realizadas aqui na própria FAAP, nos mostraram que, em termos de atendimento, nossos alunos abrem mão de todas as facilidades da Internet para terem um contato pessoal e, de igual forma, valorizam mais o desempenho do professor em sala do que sua capacidade de uso de ferramentas tecnológicas, o que nos fez, sem abrimos mão do que de melhor a tecnologia tem, repensarmos a educação a distância. Recente pesquisa publicada pela editora da Universidade de Cornell, dos Estados Unidos da América (EUA), confirma nossas conclusões sobre essa aparentemente contraditória característica: a professora de Língua e Cultura da Universidade de Indiana, Ilana Gershon, após cinco anos de pesquisa estudando as relações pessoais de seus alunos, publicou o livro *The Breakup 2.0 – Disconnecting Over New Media*, no qual conclui que, nos relacionamentos mais sérios e profundos, os jovens pesquisados **optam pelos contatos pessoais** preferindo a **intermediação pelas redes digitais**.

Temos uma geração hedonista que não sabe aproveitar o prazer: baladas, viagens, compras, sexo; enfim, quase tudo o que almejam nesta “era do espetáculo” tem alta intensidade e se esvai sem o equivalente e real desfrute de felicidade.

Vemos moços e moças que cultuam a beleza física e a querem apesar de uma alimentação desregrada e de um sedentarismo crônico. Entre adolescentes, a bola deixou de ser objeto de desejo nos intervalos; qualquer gordurinha é ameaçada pelos bisturis e as academias se tornaram, em nossos dias, os novos estabelecimentos de alta rotatividade.

O fato positivo é que, diferentemente das gerações imediatamente anteriores, esta não se encanta mais com a inovação, assiste com alguma curiosidade a “revolução tecnológica”, dá a esta sua real dimensão de ferramen-



ta: foi posto um fim àquele fetichismo tecnológico que transformava em fins os meios.

Desnorteada, a “nova família” tenta transferir para a escola funções de sua exclusiva competência: a escola jamais substituirá a família, a escola a apoia, a reforça, mas não tem competência de preencher tal lacuna; tem por função preparar a entrada para o mercado, no que muitas instituições de ensino se equivocam: não cabe à escola emular o mercado, mas sim deve preparar o aluno para ele, deve ser um espaço complementar de formação, disciplinador, instrumentalizador, toda vez que a escola perde o seu foco, perde suas funções sociais e destrói “seu negócio”.

O panorama descrito até aqui, e que desde o princípio quisemos nada rigoroso, tem por função dividir com os nossos leitores um pouco das práticas do Colégio FAAP e das preocupações que as permeiam.

A escola jamais **substituirá** a família; a escola a **apoia**, a **reforça**, mas não tem competência de **preencher** tal lacuna

Hoje mais do que antes, firmeza e carinho sedimentam o aprendizado necessário para a sobrevivência feliz de nossos alunos.

Apesar de conteúdos bem pensados, trabalhados por professores dedicados e competentes com recursos di-

dáticos adequados, a “pedagogia do exemplo” se mostra, cada vez mais, na mais eloquente e eficaz linguagem de aprendizagem.

O grande desafio para o educador é ter claro que o espírito crítico não se desenvolve através de “monólogos expositivos”, mas, sim, se faz no diálogo, no confronto de ideias e práticas, na capacidade de ouvir o outro, a si próprio e de se autocriticar.

Acatar limites, navegar entre o rigor e a permissividade serão tarefas mais acessíveis para aqueles capazes de ter espírito crítico.

Se a esperança é a marca do educador porque é um ser que crê na própria humanidade, é, também, em essência, a certeza de que, no amor ao educando, limites e firmeza serão compreendidos e fundamentarão a autoridade do educador.

Profa. Marinez Brochi Rafaldini, orientadora educacional do Colégio FAAP, conversando com os alunos Danilo Marques Gardel e Bruna Barreto Gomes.

